



sete sóis seteluas



A Europa da vinha, da oliveira, do trigo



A festa de Ponte de Sor

Questo è un testo finto serve come esempio ma è solo finto testo che non vuol dire nulla perché è solamente un testo finto testorapporto er i governi. Quando il paese più potente del mondo rimane ai margini di qualsiasi processo di globalizzazione dei diritti, stipula accordi per garantire i propri cittadini da possibili imputazioni da parte di un organismo come la Corte penale internazionale minacciando ritorsioni di tipo economico ai paesi che non li sottoscrivono ed utilizza strumentalmente il diritto internazionale a proprio uso e

consumo, di fatto concede agli altri paesi la licenza per compiere abusi in piena impunità. Il rapporto annuale è pieno di esempi che dimostrano come la selettività con cui gli Usa scelgono di aderire o meno alle norme internazionali sui diritti umani incoraggia il compimento di violazioni dei diritti umani in altri paesi.

In questa chiave la politica della "guerra al terrore" ha continuato ad essere esportata ovunque nel mondo. Dallo Zimbabwe alla Cina, dalla Colombia al-



2

A viagem de Luna

historia de mulheres para umamenina

Oscar Toro

Este é o ano das ilusas. Contigo na barriga da tua mãe, querida Luna, percorremos, a convite dos organizadores do Festival de São Sós Sete Iuas e da Câmara Municipal, a cidade de Ponte de Sor e os seus arredores. Terra de pele de corça, que está localizada no Alentejo do nosso vizinho e querido Portugal. Uma cidade onde chocam os ritmos de uma urbe em crescimento com o passo pausado da população rural envelhecida. Aídeia com imagem de cidade ou cidade com arez de aldeia. Ponte de Sor é o núcleo de população mais importante de um território cuja extensão é de cerca de 86Km2, formado pelas vizinhas freguesias de Monhanjál, Tarnaga, Longonjal, Calveas, Foros de Arrão e o Vale de Agor... Cada uma diferente da outra. Com personalidades próprias, mas também com sentimentos e histórias partilhadas. Como a de cada uma das nossas protagonistas. Todas mulheres. Elas foram as nossas guias, as nossas companheiras. Escreve, querida Luna, o Prémio Nobel de Literatura, José Saramago, português de nascimento, hoje universal, de quem temos que partilhar as obras quando tenhamos a capacidade de ler e falar; no seu livro, Viagem a Portugal: «...o viajante chega a Ponte de Sor. Ora aqui está um nome modesto:havendo uma ribeira de Sor (e Sor, que será?, senhor?) era preciso uma ponte, e fez-se. Depois nasceu a povoação, que nome vai ter, provavelmente nem foi preciso discutir, estava ali a ponte, estava ali a ribeira com o seu nome de uma sílaba só, é Ponte de Sor e não se fala mais nisso».

Nós, como viajantes, também atravessámos a ponte, como fizemos os Templários procedentes de Lisboa a caminho da vizinha Mérida (Badajoz). Nós seguimos o rio que lhe deu o nome como se se tratasse do mesmo cordão umbilical que te une a tua mãe, em busca de restos e histórias. Restos e histórias de mulheres que nos aproximam desta terra e das suas gentes. As suas experiências de certeza que te vão servir para o desenvolvimento futuro da tua vida. Uma vida, como o rio que nos acompanhou, que nasce e morre mas que na sua passagem te enche de luz, te convida a sentir e, sobretudo, te ensina o prazer de partilhar.

Este rio, a Câmara Municipal vestiu de modernidade. Zonas ajardinadas, campo de tennis, auditório aberto ao munitário da água, das estradas e às letras de canções e obras de teatro. A meio do caminho encontramos a Nesa, a Marlene e a Cristina a brincar, como deveriam fazer os meninos e meninas de todo o mundo, no baloiço do parque infantil. Contagiamonos com o seu riso. De certeza que também as ouviste. Elas são, como tu, o futuro. Luna quando chegares e abrires os olhos lembra-te que meramentes pela sorte de teres nascido nesta parte rica do globo teres conhecido direitos, uma identidade, acesso à educação, à saúde etc... Nunca te esqueças que na outra parte do globo há muitas meninas que nem quando forem mulheres se lhes admitir o direito a uma vida justa. Meninas kosovares sem identidade em campos de refugiados na Bósnia. Meninas exploradas sexualmente em Manila, sem direito à sua infância. Meninas de rua na República Dominicana sem saber ler ou escrever. Somo com a ideia de que o teu olhar limpo e maculado te leva ver o mundo que te rodeia do ponto de vista da justiça e da solidariedade. Desço que os teus actos tornem realidade a luta dos teus pais por “Outro Mundo Possível” .

Imigração

De justiça sabem a Daniela (romena), a Irina (ucraniana) e a Fátima (brasileira). Elas tiveram que deixar as suas casas e famílias para poder encontrar uma vida melhor. Uma realidade da qual não está isenta nenhuma das chamadas sociedades modernas ou do Primeiro Mundo, apesar de os seus governos e as suas leis tentarem pôr barreiras e limites à fome e aos sonhos, enquanto os mesmos introduzem normas e abrem mercados para que entre o dinheiro e as divitesas.

A pessoa que se converte em imigrante ou emigrante, é-o sempre. Um termo que é incomodo para quem o ostenta. Que limita os direitos da pessoa em função de ter ou não documentos. Que a mantêm com um pé em terra estranha, apesar de acolhedora, e o coração na terra que deixou.

A Irina encontrou na dança a sua maneira de se expressar e comunicar com o Mundo. Quando chegou não sabia uma palavra de português, mas a firmeza e os movimentos do seu corpo permitiram-lhe arranjar trabalho na Pischna Municipal como professora de dança. E é através da sua paixão, a dança, que formou um grupo de jovens que aprendeu danças tradicionais de diversos países de vários continentes para as mostrar aos seus vizinhos de Ponte de Sor, fazendo desta forma com que a sociedade que a rodeia se abra para o exterior.

Estou convencido que esta é a sua maneira de reivindicar o direito à globalidade solidária, a dignidade de todo o ser humano de encontrar a felicidade. Esta é uma boa lição, minha filha, procurar todos os dias a felicidade. É uma tarefa francamente difícil, mas não impossível, na qual apenas nos é preciso empenharmoos.

A Daniela tapava a boca com a mão cada vez que se ria. E ri muito. Por isso passou demasiado tempo a esconter um rosto e um olhar que transmitiam tranquilidade. Formos a um café para que

nos contasse a sua história e num instante esquecimos a falar como se nos conhecessemos há muito. E caside e vive com o marido numa quinta agrícola a cerca de 20 Km da cidade. Apesar de ser licenciada em engenharia industrial não pode exercer a profissão a que dedicou anos de estudo. Há três anos que vive legalmente no país. Apesar da legalidade lhe dar tranquilidade não deixa de sonhar regressar com o seu marido às belas paisagens da sua cidade romana. O seu marido, que a veio buscar, estava, com razão, um pouco zangado. Os bancos, e na cidade onde pelo menos sete universidades diferentes (sintoma inequívoco do desenvolvimento de uma localidade – onde há bancos há dinheiro, ou pelo menos houve), não queriam conceder-lhe um empréstimo para comprar um carro apesar de ter documentos, um trabalho. Uma vez mais voltaram a lembrá-lhe que, mesmo que o tempo passe, o seu português tem sotaque romano. Contermente, tanto a certeza, diziam-lhe sem o dizer, que ele continuava a ser um estrangeiro. Um imigrante.

Nunca deixes, Luna, que quem quer que seja, pessoas ou governos, censure a tua liberdade de viver dignamente.

A Fátima não teve problema em orientar-se com os vizinhos da sua nova cidade já que a História, através de seculos de colonialismo,



deixou Portugal e o Brasil unidos através de um idioma comum. Encantámonos com ela na Pischna Municipal, instalações construídas com ornamenro do Fundo Social Europeu e inaugurada, conforme inscrito na placa comemorativa, a 7 de fevereiro de 2004. Hoje está convertida no centro nevralgico desta cidade. A Fátima é responsável, entre outras coisas, pelas aulas de hidroginástica e pela equipa de malaga sincronizada. Quis que nós visássemos o trabalho das catroze meninas e raparigas da equipa de nadadoras. Tocar a banda sonora de “2001 Odisseia no espaço”, ou pelo menos assim me pareceu – já te vais aperceber do pouco ouvido musical do teu pai – enquanto as raparigas, de diferentes idades e em diferentes posições, mergulhavam na piscina para arrancar com o primeiro movimento sincronizado. Fátima, minha filha, não deixava de dar instruções com gestos, com gritos mudos. É uma mulher enérgica. Foi a primeira vez que vi em directo um espectáculo com estas características. Já me tinha acostumado para à frente da televisão para ver como meninas com molis no nariz faziam desenhos hinduístimos jogando com a plasticidade da água no ritmo da música.

As nossas raparigas, as reais, não tinham molis no nariz. Era a única coisa que as diferenciava das que tinha visto anteriormente. No fim do espectáculo saíram todas para a borda da piscina. Havia quem levasse bolas nas mãos, outras iam com laços, algumas a fazer malabarismos... O ritmo, desta vez tinha a certeza, scava a Carnaval. As raparigas dançavam. Lançavam objectos ao ar como se fosse o desafio do Rio de Janeiro. Acabavam a saltar uma a uma para dentro de água para terminar o número com uma pose dentro da piscina. Um belo exercício, apesar de algum engano causado pelo interesse e pelos nervos que a tua mãe contou, ao tirá-las fotografias para esta reportagem. Despedimo-nos, com a ideia de voltar para ver a Fátima a dar a aula de ginástica ao grupo de mulheres.

Senhoras que sabiamte luzam os seus anos e desfrutavam do seu tempo a cuidar dos seus corpos, praticando aeróbica dentro de

água.

Segundo os dados, sempre frios, recolhidos num estudo amplo e interessante levado a cabo pela Câmara Municipal, a presença de imigrantes no município de Ponte de Sor é bastante recente. A maioria é oriunda do Brasil, apesar de nos últimos anos se ter verificado uma emigração significativa de pessoas oriundas de Países de Leste. Quando me aproximo do mapa da multicultulturalidade de um determinado lugar acabo sempre por me perguntar como é que um ucraniano, por exemplo, escolhe uma determinada cidade? A língua, as possibilidades de trabalho nesse país, um amigo ou um amor...poderiam ser algumas respostas. Mas quantos o não fazem por outros razões? Que situação ou impulso faz uma pessoa ir de um extremo ao outro? A fome, as guerras, os medos...sem dúvida alguma são causas de peso. Mas não o é também sonhar com uma vida melhor, com o prazer da aventura, com a simples sensação de ser livre ou de satisfazer o desejo de conhecer outros sítios? Naturalmente, estas opções só estão disponíveis para os homens e mulheres que vivem suportados pela sociedade de bem-estar ou pelos quadros comunitários que juntamente com as nossas caréteras ou as nossas leis nos livram das fronteiras.

Se falamos de injustiça, que também há, aparecem à nossa frente pessoas de raça cigana. Em Ponte de Sor vivem a saída da cidade embaçados pelo rio. A primeira vez que vimos a Mirnasa ela estava a tirar água de um poço perto do cemitério. Posteriormente voltámos a encontrá-los, por acaso, com ela e com toda a sua família bordando as margens do rio Sor. Deixou-nos tirar fotografias, a ela e ao seu peculiar estilo de vida, como quem abre a sua casa a um amigo, sem nos pedir nada em troca.

Partilhámos umas breves palavras, um sorriso. Mas especialmente um gesto de resignação face a uma realidade dura e invariável ao longo dos tempos, herdada há gerações, que lhe ficou marcada em cada ruga da pele. Nos dias seguintes vimos, em várias ocasiões, os seus filhos a mendigar pela cidade. Aparentemo-nos que, como costumam acontecer nos aldeias a caminho de cidades, também na minha, vizinhos e vizinhas, todos conhecemos os nomes e as histórias, que nos fazem ir construindo as nossas personalidades, de quem nos rodeia sem nos importarmos realmente com o que nos acontece.

As crenças

Dizem os crentes que Deus só há um. Tu terás a liberdade de O procurar, de O encontrar ou de não o fazer. No entanto são multiplicas e variadas as formas que nos ensinam para chegar a Ele. E, claro, outros tantos para encontrar razões para pensar que só é real o terreno e que a fé de uns são os princípios e valores de outros. No caminho da crença religiosa encontramos Joaquim, membro da Igreja Evangélica do Sétimo Dia. Uma comunidade que partilha com a católica o seu culto a Deus e que discorda desta no dar a Maria a categoria de Virgem quando o seu mérito, segundo esta comunidade, foi exclusivamente o de ser a mãe de Jesus. Tanto uns como outros, tal como muçulmanos e judeus, as religiões monoteístas, encontram no rezar e na oração a sua forma de estar em contacto com esse ser supremo, ao qual se atribui, nada mais nada menos que a criação do Universo e dos homens e mulheres que habitam o planeta Terra. Também é a Ele que se pedem explicações quando chega o tráfego, mas inevitável, momento da morte. Esse instante em que os teus olhos voltaram a estar fechados. A morte não entende nem de idades, nem de sexo, nem de classes, nem de raças. Faz-nos a todos iguais, no sentimento e na dor da perda, e diferentes na forma de nos aproximarmos dela ou de lhe prestarmos culto. Demos com ela em várias ocasiões. Comprovamos na distância as diferenças e as coincidências de celebrar o final de uma vida com as nossas experiências pessoais. Surpreende-nos ver no cemitério de Ponte de Sor lápides circulares de metal, enteladas com grze e flores de plástico, onde descansam a última imagem do falecido, que serão substituídas com o tempo por outros de materiais mais nobres para alcançar o ansiado descanso eterno que busca o crente.

A natureza

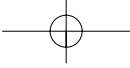
Ponte de Sor está rodeada por belas paisagens. Quando chegámos começava a Primavera e, apesar de não ter sido um ano chuvoso, os sobretiros e as plantas aromáticas receberam-nos com as suas fragrâncias. Cheiros que através da tua mãe te chegaram e que tu armanzaras na memória para os reconhecer quando desfrutares por ti mesma a tua primeira Primavera, o teu primeiro Verão...

A televisão estatal informava que mais de 8000 portugueses estavam a sofrer os estragos da seca. Alguns vizinhos falavam nos cafés dos riscos de incêndio. Nesse ano, segundo o jornal local da cidade, já se tinham registado onze incêndios, face aos cinco em todo o ano de 2004 ou aos três que houve em 2003.

Numa das nossas viagens percorrendo a zona deparámo-nos com a Joaquina a montar o seu esquiame, ao pé da estrada, na aldeia de Kosmanthál. Tinha acabado de chegar e estava a pendurar umas



3





4

A Europa da vinha, da oliveira, do trigo

La Europa de la viña, del olivo, del trigo

Sete Sóis Sete Luas, ao longo do ano de 2005, desenvolveu cinco grandes temas ligados à identidade do Mediterrâneo – condição da mulher, emigração, festas populares, convívio com vinho, convivência das religiões – contando com a colaboração de importantes fotógrafos, jornalistas e escritores naturais dos Países do Mediterrâneo que fazem parte do projecto. Os autores levaram a cabo umas residências artísticas cujos resultados são publicados neste trabalho editorial.



Sete Sóis Sete Luas, ao longo do ano de 2005, desenvolveu cinco grandes temas ligados à identidade do Mediterrâneo – condição da mulher, emigração, festas populares, convívio com vinho, convivência das religiões – contando com a colaboração de importantes fotógrafos, jornalistas e escritores naturais dos Países do Mediterrâneo que fazem parte do projecto. Os autores levaram a cabo umas residências artísticas cujos resultados são publicados neste trabalho editorial.

Sete Sóis Sete Luas nel corso del 2005 ha sviluppato cinque grandi temi legati all'identità del Mediterraneo – condizione della donna, emigrazione, feste popolari, convívio del vino, convivente interreligiose – avvalendosi della collaborazione di importanti fotografi, giornalisti e scrittori provenienti dai Paesi del Mediterraneo partecipanti al progetto. Gli autori hanno realizzato residenze artistiche i cui risultati sono pubblicati in questo progetto editoriale.

Sete Sóis Sete Luas a lo largo de año 2005 ha desarrollado cinco grandes temas ligados a la identidad del Mediterráneo – condiciones de la mujer, emigración, fiestas populares, encuentros alrededor del vino, convivencia interreligiosa – valiéndose de la colaboración de importantes fotógrafos, periodistas y escritores provenientes de los Países del Mediterráneo participantes en el proyecto. Los autores han realizado estancias artísticas cuyos resultados se han publicado en este



L'Europa della vite, dell'ulivo, del grano

Sete Sóis Sete Luas nel corso del 2005 ha sviluppato cinque grandi temi legati all'identità del Mediterraneo – condizione della donna, emigrazione, feste popolari, convívio del vino, convivente interreligiose – avvalendosi della collaborazione di importanti fotografi, giornalisti e scrittori provenienti dai Paesi del Mediterraneo partecipanti al progetto. Gli autori hanno realizzato residenze artistiche i cui risultati sono pubblicati in questo progetto editoriale.



proyecto editorial. Ao mesmo tempo, Sete Sóis Sete Luas promove una instalación-exposición, organizada por Massimo Ghirelli, dedicada aos ambientes do Mediterrâneo. A exposición, que presenta también as obras fotográficas deste traballo editorial, é realizada conforme o seguinte calendario:

Ponte de Sor 17 de Junho-2 de Julho de 2005 Campo da Restauração, Sala Infantil da Biblioteca

Cartaya 7-17 de Julio de 2005 - Plaza Chica, Centro Cultural

Odentria 22-31 de Julio de 2005 - Jardim dos Patos, Biblioteca "J. Saramago"

Tavernes de la Valligna 10-21 de Agosto de 2005 - Playa Castro Verde 8-18 de Setembro de 2005 - Feira, Forum Municipal

Vila Real de Santo António 23 de Setembro-9 de Outubro de 2005 - Praça Marquês de Pombal, Centro Cultural "A. Aleixo"

Pontedera Novembre 2005, Corso Matteotti, Centro per l'Arte "O. Cirri"

Montemurlo Novembre 2005, Villa Giannari

Huelva Diciembre 2005, Sala Siglo XXI



5



6

A viagem de Luna

restas de cebolas lustradas. Todos os dias se senta na sua banca, feita com tábuas e plásticos, à espera que algum carro pare para comprar algum dos produtos da época que lhe dá a hora. Enquanto preparava o lugar, o seu sistema de vida, comava-nos-omo se entretém falando com a vizinha, que tem outro ponto de venda, situado mesmo em frente e separado pela estrada. Comprimos-lhe uma conserva de molho de pimentos vermelhos caseiro. Ao cair da tarde Isabel, a emprestada que vende produtos agro-alimentares (queijos, doces, vinhos, etc...) da região do Alentejo numa pequena mas bonita loja, também ao pé da estrada, na Avenida da Liberdade, contou-nos como tirar partido da nossa compra da manhã. Aportámos no nosso caderno uma receita para mocear a carne de porco com este molho, antes de a pôr na brasa, ou a forma de o usar para cozinhar amêijoas com pinetobos e coentros. Estávamos convencidos do êxito que teríamos no próximo jantar com amigos. Luna, ouve, quando percorreses patês, cidades e aldeias, aproxima-te da sua gastronomia. Por detras de cada prato, de cada gole de vinho, há histórias curiosas que te farão entender melhor as pessoas com as quais te encontras e conhecer melhor o lugar que visitas.

Esta região, como te contei, é principalmente agrícola. Disse sobre bem a Maria. Uma idosa de 93 anos que, à parca da sua quinta, nos ofereceu a sua fórmula para viver tanto tempo: estar activa todo o dia. Por isso os seus matos não param de fazer croché.

A sua filha mostrou-nos a fileira de cortiça cortada. Garantiu que estava toda, vendida mas não sabia, por quanto. O tema do vinho é coisa do patrão. Sem dúvida é a cortiça a pele deste território e dos seus habitantes. Duro por fora, capaz de aguentar situações extremas, aparentemente seco e tocoo mas que uma vez tratado se converte em algo delicado, agradável e quente.

A economia

O município foi crescendo graças às actividades ligadas ao gado e à agricultura, especialmente à produção de cortiça. Para ir dando lugar ao desenvolvimento de uma actividade turística, sobretudo nos arredores de Montargil com as suas actividades náutico-desportivas, e da construção. Apesar de aquilo de que mais se tem vaidade na zona, incluindo a fábrica de aviões, ser a existência de umas fortes empresas produtoras e transformadoras de cortiça. A cidade de Fome de Sor alberga as principais companhias do país e há quem diga que uma delas é a mais moderna, tecnologicamente falando, da Europa e do mundo.

Recentemente o presidente da República, Jorge Sampaio, (a 17 de março) visitou a cidade e as fábricas Subercontrol (cortiça) e Dyna Aro. Iberica (arítes). As fijas da coroa de um país republicano, São Fome de Sor, segundo da zona turística com a sua espectacular barragem de Montargil, onde está o maior número de pessoas empregadas do município formado pelas sete freguesias.

Acompanhamos o engenheiro chefe da empresa Álvaro Coelho e fomos através das suas instalações quando ele pôde confirmar que éramos um casal de jornalistas espanhóis que estavam a fazer uma reportagem sobre a cidade e os seus arredores, a converter da Camara, e não uns curiosos que, sem aviso prévio e sem pré-aviso, na sexta-feira santa lhe batiam à porta. O processo está todo estudado para conseguir o máximo aproveitamento da matéria-prima. Cada pedregal de cortiça, depois de limpo, seco, manipulado, etc... servirá, entre outras coisas, para fazer rolhas de diversos diâmetros e qualidades que farão, em função do nível, gorgalos de garrafas de excelência ou gorgalos de garrafas mais vulgares. Há como se fossem pedras preciosas ou de bijuteria para um colar que deva fazer figura no pescoço de uma senhora. A empresa tem cerca de 50 trabalhadores. Mendie homens e outra metade mulheres. No entanto não há nenhuma mulher entre os engenheiros nem nos postos de responsabilidade. Olhando para os números gerais verificamos que a taxa de desemprego contanto todos os sectores produtivos é maior no sexo feminino. Em Julho de 2003 contavam-se 1126 desempregados na cidade, dos quais 64% eram mulheres. Maria é operária na fábrica. Mostrou-nos qual o sistema, mecânico e moderno, para mover uma enorme palque de cortiça até à câmara, também mecânica e moderna, onde se lavam as impurezas.

A Carta decidiu estrear mais ainda os seus laços com a cortiça. Deixou a sua actividade de jornalista para poder ter tempo para exercer a tempo parcial as suas actividades de mãe e de esposa. Esta mulher de ideias claras e discurso acelerado estava convencida que num território semeado de sobretiros não tinha sentido que os presentes institucionais fossem placar comemorativas. Por isso abriu uma loja onde oferece ao público os mais variados produtos feitos em cortiça, desde um chapéu-de-chuva a um barrete, passando por uma mala e outros objectos com acabamentos excelentes e originais.

As últimas notas

Visitámos um município no qual vivem cerca de 19 mil habitantes e que, apesar de ter vindo a perder população desde os anos 60 até à data, começa uma nova etapa com a chegada de nova vizinhança procedente de outros países que contribuirá para rejuvenescer e tornar esta sociedade mais aberta. Encontrámos-nos com uma cidade, Ponte de Sor, que faz de capital, apostando decididamente na modernidade como sinal de identidade para alcançar o bem-estar e a qualidade de vida mas que avança a ritmo lento na conquista das parcelas sociais. Uma cidade, um território, sem dúvida alguma de grande acolhedora. Cheia de mulheres, umas carregadas de sabedoria e outras carregadas de esperança e ansia de mudança.

Esta viagem, como todas, chegou ao fim. E, ao rever as notas do caderno, encontro uma reflexão partilhada com a nossa colega jornalista de Ponte de Sor, Sandra, que tanto sussurra-te ao ou-



Caderno de viagem

José Luís Peixoto

Na Toscana, é sábado de manhã. Caminho de vagar por uma rua com crianças a correr. Nas mãos, levo apenas tempo e o caderno que trago sempre comigo. Passo entre casais que empurram carrinhos de bebé e que vão conversando sobre assuntos simples, mas importantes. As palavras espalham-se no ar e são como pomboes. Desenham círculos longos no céu. Lá em cima, hátem as asas ao nível das nossas cabeças e pousam no chão. Palavras desproporcionadas e simples. Nas mãos de pessoas que passam por esta rua, há homens e mulheres que passam com sacos de compras, há homens e mulheres que passam simplesmente, talvez sem direcção, talvez a sua direcção a ser apenas esta: passaram, deagur por esta rua, conversando sobre qualquer assunto simples. É sábado de manhã. Ouve-se ao longe, o toque de sinoe na torre de uma igreja. Crianças, homens e mulheres caminham através da claridade desta hora. Caminho a seu lado. Não seria preciso muito para acreditar que o mundo começou numa manhã de sábado, nas ruas de uma cidade da Toscana.

Entrou num café. Assim que passo a linha da porta, percebo que se pavarizes e a claridade da manhã ficaram lá fora, os sinos que se ouviam ao longe ficaram ainda mais distantes. Aqui, há outro tempo. Há cadentes e mesas que esperam eternamente. Há garrafas alinhadas em prateleiras. Há calendários antigos nas paredes. Na madeira das mesas, ficaram as marcas de garrações: rapazes de vinte anos que se sentavam a imaginar, homens quase velhos que se sentavam sem contarem o tempo que passou e homens mais velhos que não esperam nada e que, no entanto, apenas esperam porque aquilo que lhes resta é esperar. Aqui, existe também a vida inteira de uma rapariga que passa um pano sobre as mesas, que pergunta o que queremos tomar, que nos fala daquilo que quisermos ouvir, e existe a vida inteira da sua mãe a fazer os mesmos gestos, e existe a vida inteira da sua avó a dizer as mesmas palavras. Sento-me. Passo o mão sobre o tempo da mesa e encontro cada idade nos veios ondulados da madeira gasta. A rapariga pousa dois copos de vinho tinto à frente de dois homens, sentados diante de mesas diferentes. Sangue atravessado pela luz. O brilho do vinho e o brilho de garrafas atravessado pela luz. A distância, os homens continuam a olhar um para o outro enquanto falam vagarosamente. Nas suas mãos, os copos são como se fossem parte da pele, como se fizessem parte do lugar onde sentem.

Nas palavras que trocam, movimenta-se um rio, como o Arno, um leito calmo e constante que se estende e que continua sempre, que encontra pedras e as contorna, que encontra troncos secos e os leva na segurança da sua corrente. A rapariga aproxima o seu sorriso de mim para dizer-me bom dia. Logo-lhe um copo do me-



sino vinho tinto, a mesma cor do sangue atravessada pela luz. E



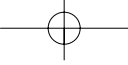
7

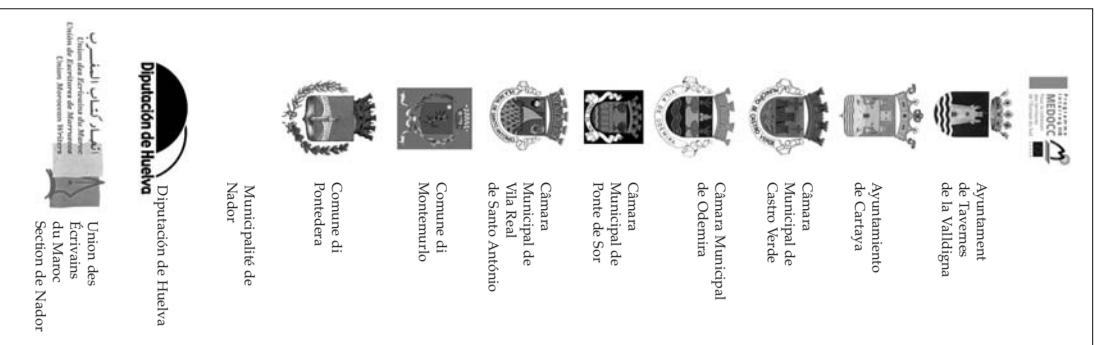
o som do copo de vinho sobre o tempo gasto de madeira. E a minha mão a envolverlo. Há palavras e pessoas vivas neste café desta cidade ossana. Não tenho a certeza de que o tempo passe. Abro o meu caderno diante de mim. Uma página branca. Começo a escrever.

Passaram dias sobre a tarde em que subi a Tojano. As casas, no topo do monte, como se fizessem parte do próprio monte. A curva à esquerda em que se entra no caminho estreito para Tojano. A estrada que obriga e que se conduzza de vagar, a velocidade da brisa que toca as copas das árvores e que limpa toda a paisagem. A subida lenta para Tojano é como uma ascensão. Os campos são cada vez maiores. O horizonte é cada vez mais impositvel. O céu aproxima-se. Antes de entrar na aldeia, o pequeno cemitério foi o primeiro olhar que me recebeu. Por de trás dos muros, os campos e os montes de Valdera a serem uma explicação do mundo. Se tivesse aberto os braços, poderia ter abraçado o mundo inteiro porque estava todo, completo e infinito, diante de mim: os campos férteis, as formas e as cores da terra, o verde mais inocente, mais vivoço, contra o verde escuro, a setiva que nasce da terra e da água. Entrei pelo pequeno portão do cemitério para ler nomes de vogais e para pensar a mão sobre o pequeno jazigo de pedra, projectado contra o horizonte. A pé, senti alguns metros na única entrada de Tojano. A porta da igreja estava aberta. Os meus passos esmagaram grãos de areia, esmagaram pó e terra. Nas paredes da igreja vazia, sem bancos, abandonada, prolongou-se o eco dos meus passos. O tempo desenhou imagens impossíveis de definir na tinta das paredes. Sobre o altar, havia vigas de madeira atravessadas. Contra os vidros das janelas, ramos de arbustos faziam toda a força de que eram capazes. Lentamente a natureza recuperava aquilo que lhe tinham tirado. Deus, desbotado numa pintura antiga, assistia em silêncio.

Em Tojano, há uma única rua. Casas sem ninguém, janelas fechadas, os tijolos a aparecerem por baixo do reboco, portões entrançados. A serenidade absoluta. Finalmente, a paz core da terra. As Pessoas que passaram por aqui deixaram aquilo que não podiam levar: o tempo. No fim e no início da única rua, a distância da paisagem. E o meu olhar voou, planando logo abaixo do céu, tocando o topo de montes distantes. O meu corpo tornou-se na leveza do meu olhar. Valdera, toda a Toscana, todo o mundo o visto a partir de Tojano, a aldeia deserta onde memórias se cruzam e se cumprimentam na única rua: a memória de mulheres que esperavam pela primavera e a memória de homens vivos, a memória de crianças a brincar.

Levanto o copo de vinho. Os meus lábios. O vinho, como sangue, encontra um caminho no meu interior. Reparo que, na parede, está a fotografia antiga de um homem de bigode. Um homem que viveu, que guardou os seus pensamentos, que sentiu alegria e esperança e magia que abriu os olhos em cada manhã e que, hoje, apenas nos vê através desta fotografia a que todos se habituaram. Parado para sempre num momento. Entram dois homens. A rapariga que limpa as mesas e o balcão com um pano respondem-lhes, bom dia, mas não pira de lavar copos debaixo de uma torneira com os gestos que utilizava já antes de terem entrado. Espera que se sentem. O som das cadeiras a arrastarem-se. Espera que continuem a conversa. As suas palavras a misturarem-se com as palavras dos homens que já cá estavam. Só então, limpa as mãos ao avental e se aproxima da mesa. Uma garrafa de vinho e dois copos. Releio as palavras que já escrevi. A caligrafia que aprendi quando longe daqui. Tardes inteiras a repetir a letra "a" em folhas quadriculadas a letra "e", a letra "r". Passo a ponta dos dedos pela superfície do papel para sentir a força com que a tinta de cada letra se dissolveu no papel. Folheio páginas do meu caderno. Continuo a escrever.





Sete Sóis Sete Luas

A Europa da vinha, da oliveira, do trigo

- Coordenação
- Ass.Cult:SeteSóisSeteLuas
- Marco Abbondanza, Renzo Barsotti
- Projecto da instalação / exposição
- Massimo Ghirelli
- fotografie
- Laura Terzani
- Projecto Gráfico
- Zowitz
- Secretaria Organizativa
- Rossella Barrucci
- Press Bureau
- Anna Bortoni, Roma
- Única, Lisboa
- Guadiana Prod, Cartaya
- Montagem Exposição
- Massimo Ghirelli, Maria Martins
- Traduções
- Marcello Sacco, Fernando Javier López
- Uhdan
- Projecto Gráfico
- www.pixart.net
- Impressão
- Bandecci & Vivaldi, Pontedera
- Transportes
- Amerital Trasporti, Empoli
- Interráfego, Lisboa
- Agradecimentos
- Pinco e Pailhno
- Tizio e Cato
- Cecco e Beppe????????????????



PAOLO GRIGÒ (Toscana, Itália)

A viagem na arte de Paolo Grigò representa uma experiência fascinante, considerando a estreita relação, na sua produção, entre pintura-escultura-desenho. De facto nalguns momentos é impossível distinguir o percurso criativo do autor que utiliza os diferentes instrumentos linguísticos com rara coerência e absoluta força poética. Uma arte que vem de longe, lembrando o grande período da pintura toscana de mestres como Leonardo e Michelangelo, para depois incluir nas suas referências culturais autores de absoluta modernidade como Vespignani e Carnassi. Paolo Grigò obteve primeiros prémios e menções honrosas em concursos nacionais de pintura e grafismo. Desde 1971 participa em mostras colectivas e xpoé em várias cidades Italianas e estrangeiras. As suas obras gráficas e de escultura estão representadas em colecções públicas e privadas. Sobre o seu trabalho escreveram diversos e conhecidos críticos e literatos Italianos (Carlesi, Lupertini, Ferrucci, Boccacchini, Fabbrri, Bellanca...)

XARO BONILLA (Valencia, Espanha)

Xaro Bonilla é uma escultora de Tavernes de la Valldigna (Valencia) e faz parte do grupo internacional Meeta. Já participou em muitos concursos: em 2004 foi seleccionada na XI Bienal de Miniaturas Gráficas organizada por Taga em Caracas, Venezuela, e no Certamen Cervisama, Feria de Muestras de Valencia. Sobre as suas obras já saíram artigos em revistas internacionais de arte (El Reto, México, Diario de Juárez, México, El Levante, Valencia...). As suas obras encontram-se em entidades quais a Facultad de Bellas Artes de Valencia, a Collection Privada de Michael Muldoen, Irlanda e TAGA, Caracas (Venezuela)